



REPOSITÓRIO

ARTES VISUAIS UFES

REPOSITÓRIO ARTES VISUAIS UFES

Edição Arte e Artistas CapixabES

GÊNERO: MATERIAL EDUCATIVO
DIGITAL

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO DA ARTE;
EDUCAÇÃO BÁSICA; CAPIXABA;
CULTURA LOCAL.

PROJETO DE EXTENSÃO 1746
REPOSITÓRIO
DE ARTES VISUAIS UFES - PROEX/UFES

MATERIAL EDUCATIVO VOLTADO PARA
PROFESSORAS E PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA, EDUCADORAS/ES
DE INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DE
ARTE E ESTUDANTES EM FORMAÇÃO
DOCENTE.

SETEMBRO 2023

PESQUISA | PRODUÇÃO | PROJETO

EQUIPE DE PROFESSORAS DO CENTRO DE
EDUCAÇÃO DA UFES:

ADRIANA ROSELY MAGRO
JULIA ROCHA

MARGARETE SACTH GÓES (COORDENADORA)

EQUIPE DE PROFESSORAS/ES
COLABORADORAS/ES DA EDUCAÇÃO BÁSICA:

EIDER BARRETO DE OLIVEIRA
ISABELA VIEIRA
PAULA STEIN GONÇALVES
VERÔNICA DEVENS

BOLSISTA PIBEX: MARIA GABRIELE CECILE
SANTANA

REPOSITÓRIO ARTES VISUAIS-UFES

Arte e Artistas CapixabES



Em um encontro dialógico e afetivo com o público, interessa-nos conhecer a produção artística e cultural produzida por artistas capixabas contemporâneos, ativando de forma rizomática as histórias, afetos, perceptos e o imaginário que atravessam os caminhos gráfico/poéticos de cada uma/um.

Partimos da compreensão que essa produção, em uma perspectiva contemporânea, transita por diferentes territórios capixabas (e para além deles) e que, por sua natureza híbrida, reconfigurará as nossas identidades ao valorizarmos a produção artística local, bem como fomentará a experimentação, investigação, observação e a pesquisa, engendrando a dinamicidade do ato e a ampliação de um repertório gráfico/poético e imagético das/os estudantes e docentes a partir do acesso a esse material.

Sensibilidade, criatividade e inventividade são instâncias subjetivas que se constituem a partir da apropriação do percurso gráfico/poético de cada artista como cartografia afetiva e narrativas de si, do outro e do contexto capixaba no qual estamos interconectados.

A edição “Arte e Artistas CapixabES”, ou melhor, “Arte e Artistas do Espírito Santo”, possui uma permeabilidade e maleabilidade que nos incita a transitar pelos diferentes territórios da arte no cenário capixaba, contribuindo para o desenvolvimento da cultura no Estado, preservando e difundindo as mais diversas manifestações em todas suas linguagens.

Use e compartilhe esse material!! Grande abraço!

Todo capixaba tem um segredo de
espuma
Uma conversa de duna
Um disse me disse
Todo capixaba é chique
Todo capixaba tem um pouco de beija
flor no bico
Uma panela de barro no peito
Uma orquídea no gesto
Um cafezinho no jeito
Um trocadilho na brincadeira
Um congo no andar
Um jogo de cintura
Um chá de cidreira
Uma moqueca perfeita
E uma rede no olhar

Todo povo por lá
Tem um certo louco
Tem um certo torto
Uma palavra solta
Uma revoada de colibris
Todo capixaba tem uma força de povo
Tem um pouco de Maria Ortiz
Toda montanha lá tem um caso
Obstinado com o vento
Uma pedra azul
Um albatroz de convento
De luva e biquíni é que eu vou pra lá
Todo capixaba é um evento!!!

(Elisa Lucinda)

ARTISTAS APRESENTADAS/OS NO REPOSITÓRIO

Arte e Artistas CapixabES

Andreia Falqueto
Attilio Colnago
Bruno Zorzal
César Cola
Gabriel Borem
Hélio Coelho
Ignez Capovilla
Iclea Corrêa

João Wesley de Souza
Jocimar Nalesso
Juliana Pessoa
Keka Florencio
Kika Carvalho
Kleber Galvêas
Leo Benjamim
Luciana Bicalho

Luciano Feijão
Marcelo Gandini
Orlando da Rosa Faria
Raquel Falk
Re Henri
Rosana Paste
Tatiana Rosa

ANDREIA FALQUETO

Vitória/ES, 1985. Vive e trabalha em Vitória/ES.

Artista visual e professora, bacharel em Artes Plásticas e Mestre em História e Crítica de arte pela UFES, também mestra em Producción e Investigación en Arte e, atualmente, doutoranda em Creación Artística y Reflexión Crítica pela Universidade de Granada/Espanha. Representada pelo instituto Iadê/São Paulo. É membro do Grupo de pesquisa En los Bordes: Arte público y arte en vivo da UGR. Trabalha com pintura, desenho, objetos e instalações. Em sua produção teórico/prática realiza uma pesquisa de cunho antropológico onde questiona as possibilidades da imagem na contemporaneidade, tendo como foco as questões relacionadas com o estar-aí, a presença humana no mundo e suas relações (diretas e indiretas) com seu entorno, sua cidade natal, Vitória/ES. A artista transforma cenas cotidianas típicas em verdadeiras paisagens enigmáticas quase oníricas, transportando os espectadores para um universo profundamente pessoal, emblemático e simbólico. Atualmente realiza pesquisas em pintura por meio da apropriação de fotos em mecanismos de pesquisa na web e manipulação digital de imagens.

A pintura Névoa rasteira (2023) apresenta o universo dos manguezais da Ilha de Vitória tendo em primeiro plano um homem, brasileiro típico, catador de caranguejo, cujo rosto expressivo nos faz refletir sobre sua história. Ela trabalha no ritmo das seguras pinceladas multicoloridas e cheias de luz, percepções e sutilezas da cena urbana.



Memórias do futuro, 2023

<https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/memorias-do-futuro-exposicao-leva-itens-historicos-do-pais-ao-palacio-anchieta-0423>

PINTURA, PESQUISA, HISTÓRIA DA ARTE, OBSERVAÇÃO, PESSOAS, COTIDIANO, VIVÊNCIAS, MANGUEZAL, OBJETOS, DESENHOS, CONTEMPORÂNEA, INSTALAÇÕES, ANTROPOLOGIA, IMAGENS, PESSOAL, COLAGEM DIGITAL, PAISAGEM, PESSOAL, SIMBÓLICO, ONÍRICO

ANDREIA FALQUETO

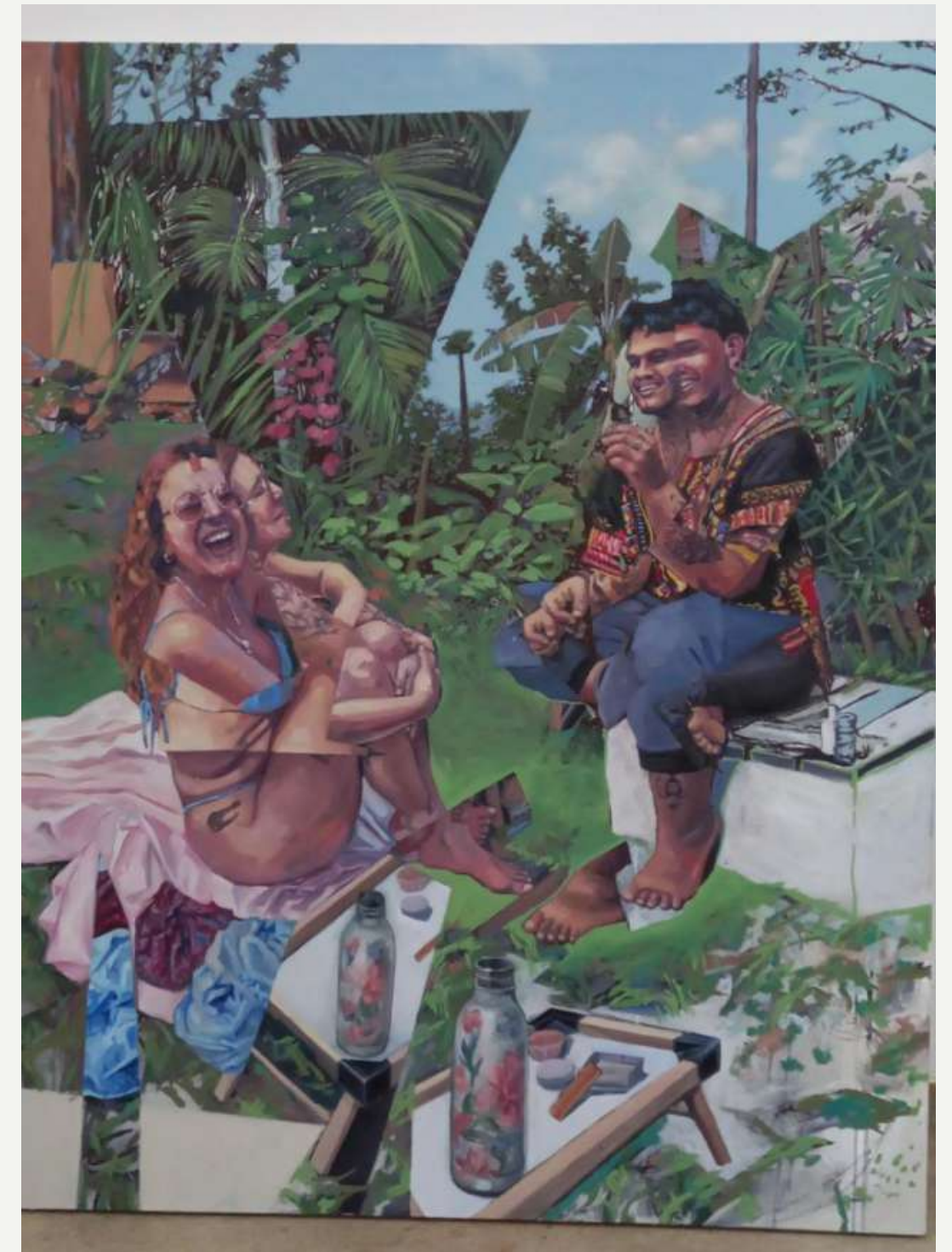
A partir da obra Névoa Rasteira e, agregando as questões que a artista apresenta como palavras chave para sua produção, proponha __ a partir da apresentação e estudo das questões culturais que envolvem nosso Estado__ uma reflexão para o cotidiano de cada estudante e, conseqüente, da produção artística local, no qual possam vivenciar os espaços estudados e associá-los a pessoas do seu convívio como uma forma de interagir com o meio artístico-cultural capixaba. Os diálogos podem surgir das reflexões feitas a partir do olhar de cada estudante em relação ao espaço/lugar/objeto estudado e a pessoa que ele escolheu representar.

Como o cotidiano da cidade pode se tornar objeto de pesquisa em arte? E, como esse cotidiano habita a educação? Duas questões que a artista nos provoca a pensar. O olhar sobre as profissões de catador de caranguejo e de barqueiro na cidade de Vitória e região pode ganhar novos sentidos pela percepção daqueles que convivem com tais realidades. Na região que você atua, esses são cenários usuais? As crianças também participam da vida do mangue? Para além das tintas a base de minerais e vegetais, para além do uso de argilas em produções utilitárias e artísticas, o que mais poderia ser pensado a partir da obra Nevoa rasteira? Talvez a fotografia, a fotoperformance e a fotomontagem possam contribuir na elaboração de uma poética com suas turmas, já pensou como seria?

Link:

<https://www.instagram.com/andreia.falqueto/>

https://www.facebook.com/artbyandreiafalqueto/?ref=page_internal



O Éter, 2023

<https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/memorias-do-futuro-exposicao-leva-itens-historicos-do-pais-ao-palacio-anchieta-0423>

Veja também o Fábio Baroli que retrata cenas do cotidiano de uma cidade do interior.
<https://gamarevista.uol.com.br/cultura/ler-ouvir-ver/arte-do-entorno/>

Referências: <https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/exposicao-minimo-multiplo-comum-estreia-na-casa-porto-na-proxima-quarta-18-46799> <https://workoutinf.com.br/andreia-falqueto/>

ATTILIO COLNAGO

Colatina/ES, 1955. Vive e trabalha em Vitória/ES.

Attilio Colnago é um artista plástico e professor aposentado do Departamento de Artes Visuais da UFES, onde também coordenou o Núcleo de Conservação e Restauração. Produz pinturas, desenhos, gravuras, serigrafias, instalação e restauração, tendo como gênese a história e a tradição revisadas pela contemporaneidade. Suas obras relacionam atravessamentos simbióticos entre ser humano e animal; simbólicos entre o artista e a personagem criada; e dissidentes entre questões sobre sexo, gênero, idade, ética e moral.

A série Cantilena para Joy é inspirada nas fotografias da artista Joy Goldkind, que registrou seu marido em transvestimento feminino. As composições atravessam linhas combinadas de formas ressignificadas da anatomia humana. O artista denomina como personagens carregadas de estranhezas, que se constituem em sua própria subjetividade e vulnerabilidade. A harmonia se encontra não só nas composições figurativas, mas na própria identificação entre a obra e o artista. As criaturas incomuns deslocam a coerência representativa de gênero, transcendendo a diretriz binária.



Cantilena para Joy 1 , 2019

<https://www.instagram.com/attiliocolnago/>

PINTURA, DESENHO, TEXTURA, FIGURAÇÃO, PERSONAGENS, CRIATURAS, GÊNERO, CORPO, METAMORFOSE, SIMBIOSE, ZOOMÓRFICO, SUBJETIVIDADE, SIMBOLOGIA, ICONOGRAFIA, AMBIVALÊNCIA, SAGRADO, PROFANO, PERENIDADE, FRAGILIDADE, ESPIRITUALIDADE

ATTILIO COLNAGO

Assim como Attilio Colnago fez na série Cantilena para Joy, produzindo um conjunto de pinturas a partir da produção de uma outra artista, você pode sugerir que seus alunos façam uma nova prática que tenha como ponto de partida a obra dele. Pense na personagem retratada na série e crie com a turma produções que pensem histórias sobre essa figura sobre a qual não temos muita definição (possivelmente em outra linguagem que não seja a pintura). A discussão sobre representação de gênero não precisa ser o centro da atividade, mas sim a identificação dessa figura e as possíveis narrativas sobre ela.



Cantilena para Joy 2 , 2019

<https://www.instagram.com/attiliocolnago/>

Link:

<https://cccv.org.br/fique-por-dentro/espaco-cultural/galeria/attilio/artista.htm>

<https://www.instagram.com/joaopaulobaliscei/>

Veja também: Para encontrar diálogo com a discussão conceitual da série, busque a produção de João Paulo Baliscei, que revisita brinquedos infantis para questionar os papéis de gênero designados para meninos e meninas na infância.

Referências: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/mostra-faz-retrospecto-de-30-anos-de-producao-de-attilio-colnago> <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9694/attilio-colnago>
<https://www.instagram.com/attiliocolnago/>

BRUNO ZORZAL

Afonso Cláudio/ES, 1979. Vive em Vitória/ES e trabalha em Vitória e em Paris, na França

A produção de Bruno Zorzal passa pelo campo da fotografia, tanto na prática quanto na teoria. O artista desenvolve sua produção com diferentes vias, passando por apropriações de imagens preexistentes, criações de fotografias com diferentes dispositivos e experimentações com processos de revelação. Amplia a pesquisa da linguagem fotográfica para outras possibilidades, ao pensar também o vídeo, a pintura e a instalação.

Impermanência se refere ao processo de perda das imagens e também à montagem da obra, instável e equilibrada por estacas que estabilizam as fotografias no lugar. Os retratos são fotografias apropriadas pelo artista, que as releve novamente, utilizando a técnica do calitipo (ou marrom Van Dyke) sob lascas de tinta arrancadas. A fragilidade do método e do material asseguram que aquelas figuras desaparecerão dentro de um certo tempo.



Impermanência, 2017-

<https://cargocollective.com/brunozorzal/Impermanencia>

FOTOGRAFIA, APROPRIAÇÃO, ARQUIVO, IMAGEM, IMPERMANÊNCIA, RETRATO, REGISTRO, INSTALAÇÃO, INSTABILIDADE, EFEMERIDADE, FUGACIDADE, REVELAÇÃO, AMPLIAÇÃO, FIXAÇÃO, FRAGILIDADE, TRANSFORMAÇÃO, TEMPO, DESAPARECIMENTO, RESQUÍCIO, MEMÓRIA

BRUNO ZORZAL

O trabalho de Bruno Zorzal permite pensar em diferentes caminhos para a prática. Tanto podemos explorar técnicas de impressão fotográfica, como cianotopia, transfer ou fitotipia (técnicas que não demandam um laboratório profissional), como também podemos apostar na ideia de impermanência da obra e desenvolver esse aspecto na fotografia ou em outras linguagens. Quando o artista se apropria de imagens preexistentes e as revela sobre lascas de tinta de parede, Zorzal já considera de antemão que a obra não durará. Como podemos criar dentro da escola imagens que se perdem com o tempo, ao longo de semanas? Com poeira dentro de uma caixa? Com água e sabão? E como a fotografia pode desaparecer?

Link:

<https://cargocollective.com/brunozorzal>

<http://danisandrini.com.br/>



Impermanência, 2017

<https://cargocollective.com/brunozorzal/Impermanencia>

Veja também: Assim como Bruno Zorzal, a artista Dani Sandrini também pesquisa processos artesanais de impressão fotográfica. Ela explora, por exemplo, a antotipia, processo fotográfico que envolve a utilização de pigmentos vegetais como material fotossensível e que permitem a produção de imagens fotográficas

Referências: <https://cargocollective.com/brunozorzal>

<https://www.entrepesquisa.com.br/post/exposicaoimpermanencia>

CÉSAR COLA

Cachoeiro de Itapemirim/ES, 1956. Vive e trabalha em Vitória/ES.

Possui graduação em Educação Artística - Licenciatura Plena pela UFES, doutorado em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), título: Desenho infantil: processo de comunicação e expressão.

Foi professor associado 3 da Universidade Federal do Espírito Santo, no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Suas pesquisas estavam relacionadas ao processo criativo em artes em todas as faixas etárias, com ênfase no desenho da criança, incidindo tanto na Educação Escolar, quanto na Educação não-Escolar.

A categoria de desenho infantil sofre diversas mudanças ao longo do tempo, principalmente devido ao fato de que as crianças passaram a ter acesso a arte feitas pelos adultos. César Cola busca com suas pesquisas e produções artísticas, investigar a criatividade e estilos próprios das crianças, seus lados instintivos. Na pintura é representado a figura de dois animais lúdicos, que parecem fazer parte de uma história infantil, é perceptível que Cola busca fazer uma ligação com suas pesquisas sobre os desenhos feitos por crianças.



Provável Fábula- 89

<https://www.instagram.com/cesar.cola/>

DESENHO, IMAGINÁRIO, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, PASSADO, COLAGEM, ANIMAIS, NATUREZA, FIGURA HUMANA, FÁBULAS, PINTURA, CORES, CONTRASTE, GEOMETRIA, SOBREPOSIÇÃO, FAUNA, FLORA, CRIANÇA, INFÂNCIA, CANETA.

CESAR COLA

A partir da seleção de imagens de obras do artista, que juntas intitulemos de Bichos, a proposição será primeiramente contextualizar com a realidade da turma, propondo diálogos e aproximações por meio de vídeos, documentários, músicas, além de obras de outros artistas que trazem essa temática, representadas em diferentes linguagens como pintura, desenho, escultura e instalação, pois esses diálogos são fundamentais para que seja feita uma nutrição estética para/com as crianças/estudantes. Como proposição para o fazer artístico, proponha que representem o “bicho” que traz em seu contexto suas repulsas, estranhamentos ou preferências (sejam elas estéticas ou afetivas), ou ainda, voltados para um viés mais crítico/político retratando animais em extinção. A técnica utilizada pode ser a partir da turma com a qual você esteja trabalhando.

Link:

https://www.facebook.com/cola.cesar/?locale=pt_BR

<https://www.instagram.com/cesar.cola/>



Provável Fábula

<https://www.instagram.com/cesar.cola/>

Veja também o artista Ivan Cruz que representa em suas pinturas a infância

<https://www.culturagenial.com/ivan-cruz-obras-sobre-a-infancia/>

Referências: Ensaio sobre o desenho infantil, César Cola

<https://www.escavador.com/sobre/906026/cesar-pereira-cola>

GABRIEL BORÉM

Belo Horizonte/MG, 1982. Vive e trabalha em Vitória/ES/Brasil

Gabriel utiliza no núcleo de suas propostas conceitos como: ação, lugar, apropriação, deslocamento, transfiguração e síntese. Participou, curou, organizou e produziu diversas mostras coletivas e individuais desde 2002 e foi premiado pelos editais Bolsa Ateliê (2008, 2011 e 2013), Mostra de Artes Visuais para Itinerância (2014) e Seleção de Projetos Culturais Setoriais de Artes Visuais (2015), da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo. Também possui experiência profissional como educador cultural, social e professor do ensino fundamental.

Urbanorâmicas (2012), constrói-se através de um percurso pela ilha de Vitória, ES. A proposta do projeto Urbanorâmicas, envolveu um trabalho físico e mental de observação e coleta de resquícios do que é corriqueiro pela cidade, a fim de construir paisagens unicamente urbanas com objetos e afetos da vida cotidiana. Na Galeria Homero Massena, onde a exposição aconteceu, as obras se organizaram a partir de uma poética de acúmulo de materiais e a partir de um diálogo direto com a composição de pinturas e cartografias de metrópoles contemporâneas. Dialogando com a escrita da autora Sylvia Plath sobre a prática do olhar e da criação, a produção de Gabriel Borem em suas paisagens-rastros se realiza a partir de um ato de evidenciar a plasticidade do descartável.



Urbanorâmicas: DoisPicosQuatroPedras, 2012

Link:

<https://www.plataformadecuradoria.com/post/memorias-urbanoramicas-gabrielborem>

DESCARTÁVEL, AÇÃO, LUGAR, APROPRIAÇÃO, DESLOCAMENTO, TRANSFIGURAÇÃO, SÍNTESE, OBJETOS, PERCURSOS, RESQUÍCIOS, PAISAGENS, AFETOS, URBANO, COTIDIANO, CORRIQUEIRO, SOBRAS, ARQUITETURA, MATERIAIS, ACÚMULOS, CARTOGRAFIAS.

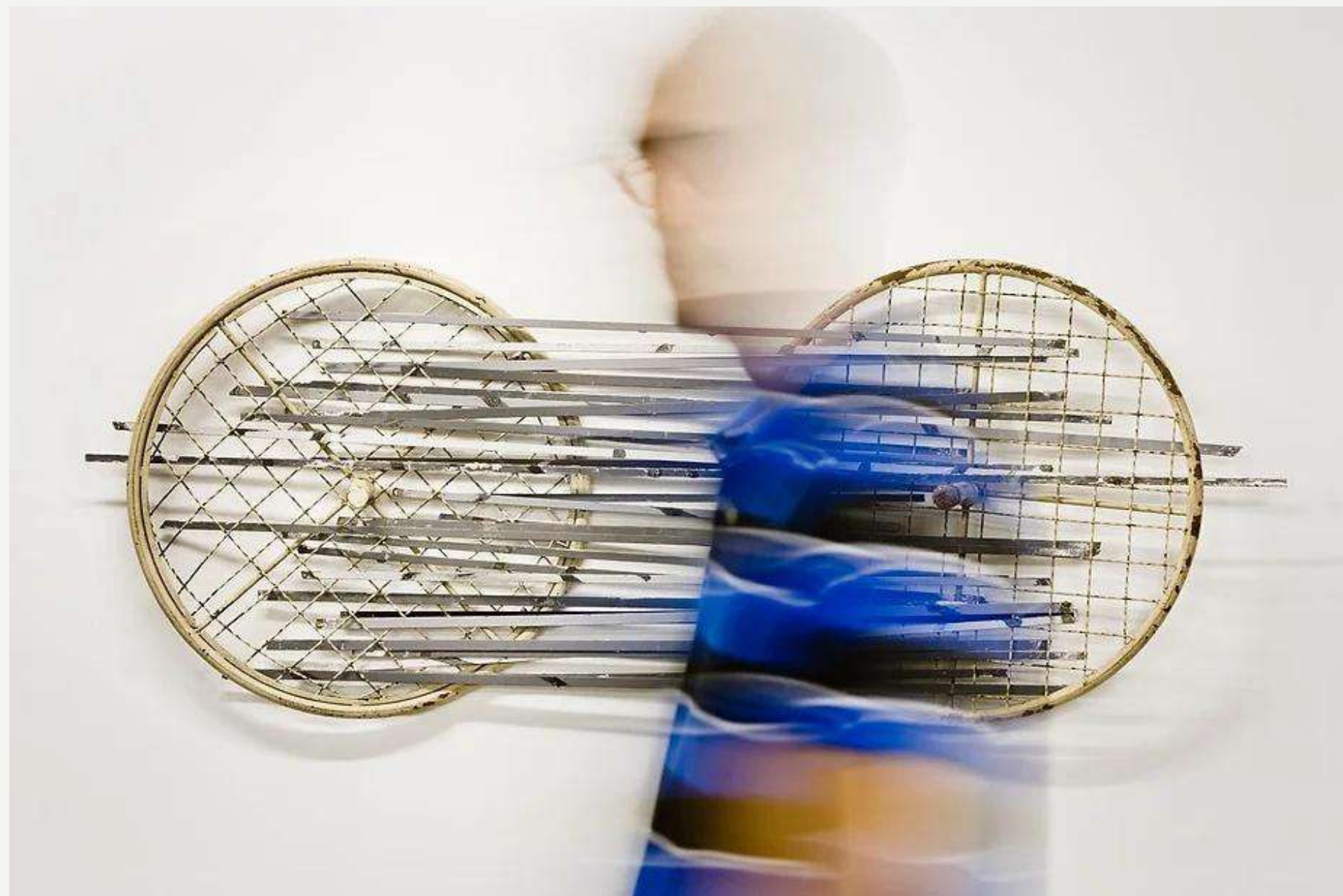
GABRIEL BORÉM

Para os trabalhos com esse artista traga imagens e o documentário “Lixo extraordinário” do artista Vick Muniz. Provoque um diálogo em que as/os estudantes possam reconhecer semelhanças e dissemelhanças, aproximações e distanciamentos entre as poéticas, materialidades e propostas desses dois artistas.

A reflexão posterior pode acontecer a partir do lugar em que cada uma/um vive e assim, proponha que que pensem em um suporte (talvez algo que sugira uma torre) e alí “colem” os objetos encontrados no percurso de suas moradias até chegarem na escola. Ressalte que os objetos precisam se relacionar com o tema em questão. Ao final da produção, as obras podem ser expostas em diferentes lugares, os quais chamem a atenção para as colagens e também para o nome escolhido (algo de impacto) para que todos que a observem também possam refletir sobre o que existe entre arte e meio ambiente.

Link:

<https://gabrielborem.wixsite.com/urbanoramicas/resumo>



Urbanorâmicas: Onde o Sol Nunca Se Põe, Gabriel Borem, 2012

Veja também: Vick Muniz e suas construções utilizando materiais descartáveis.

Referências:

<https://www.plataformadecuradoria.com/post/memorias-urbanoramicas-gabrielborem> https://issuu.com/gabrielborem/docs/portfolio_gabrielborem

HÉLIO COELHO

Resplendor/MG. Vive e trabalha em Vila Velha/ES.

Autodidata Hélio Coelho é designer, artista plástico, ilustrador e produtor gráfico. Realizou sua primeira exposição no Centro de Artes da UFES, em 1980, e não parou mais, se tornando referência e um dos artistas mais importantes da cena cultural capixaba.

Em mais de 30 anos de carreira, seus trabalhos já estiveram em exposições individuais na Itaú Galeria, em São Paulo; na Galeria Ana Terra e na Matias Brotas, no Espírito Santo, além de mostras coletivas no Museu de Belas Artes, no Rio de Janeiro; na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo e no Museu Vale, no Espírito Santo.

No seu currículo constam premiações em salões e várias mostras coletivas, tais como prêmio aquisição no “I Salão Nacional de Arte do Espírito Santo” (década de 80), prêmio aquisição no “I Salão de Arte da Câmara Municipal de Vitória” (década de 90) e prêmio aquisição no “III Salão de Artes Plásticas” promovido pelo Departamento Estadual de Cultura, atual Secretaria de Estado da Cultura (década de 90).



Caminho do meio, 2014

A obra de Hélio Coelho trata de assuntos que dialogam diretamente com o mundo contemporâneo, como a natureza e a espiritualidade, e tendo a profusão de cores como um dos elementos da sua criação. O título e a visualidade criados pelo artista assumem contornos, ora definidos lembram formas marinhas, noutras se assemelham a espaços urbanos, sensação de paisagens organizadas, e em outras, formas vitais e obsessivas de signos do planeta: figuras humanas, flora, fauna, símbolos sociais e históricos.

COR, FLUIDEZ, GEOMETRIA, ILUSTRAÇÃO, DESIGN, ESPAÇO URBANO, ACESSIBILIDADE, MOVIMENTO, CONTORNOS, PAUTAS POLÍTICAS, BLOCOS FUTURISMO, PAISAGEM, SIGNOS, FORMAS, NATUREZA, ESPIRITUALIDADE, CONTEMPORÂNEO,

HÉLIO COELHO

Inspirados/as nas obras e temática do artista, faça com sua turma um estudo crítico-reflexivo sobre os símbolos utilizados pelas diferentes e diversas etnias. Posteriormente, oriente que, em pequenos grupos, escolham uma e façam uma curadoria educativa selecionando imagens, filmes, documentários e músicas referentes à etnia elencada.

Para compreender os signos e significados de suas pinturas e ações cotidianas, proponha que reflitam sobre a prática artística utilizada na pintura corporal e na dança para apresentação de rituais. Associado a essa ação proponha que façam grandes painéis apresentando as identidades e produção artística-cultural da etnia escolhida.

Link:

<https://www.agazeta.com.br/colunas/renata-rasseli/festival-de-cinema-de-vitoria-tera-identidade-visual-de-helio-coelho-0620>

<https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/10/caminho-do-meio-traz-pinturas-ineditas-de-helio-coelho-ao-es.html>



Helicóptero, 1985

<https://eshoje.com.br/2020/06/festival-de-cinema-de-vitoria-reverencia-helio-coelho-em-nova-identidade-visual/>

Veja também: o artista Sean Scully que trabalha com formas geométricas e cor: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/sean-scully-1974-2015/>

Referências:

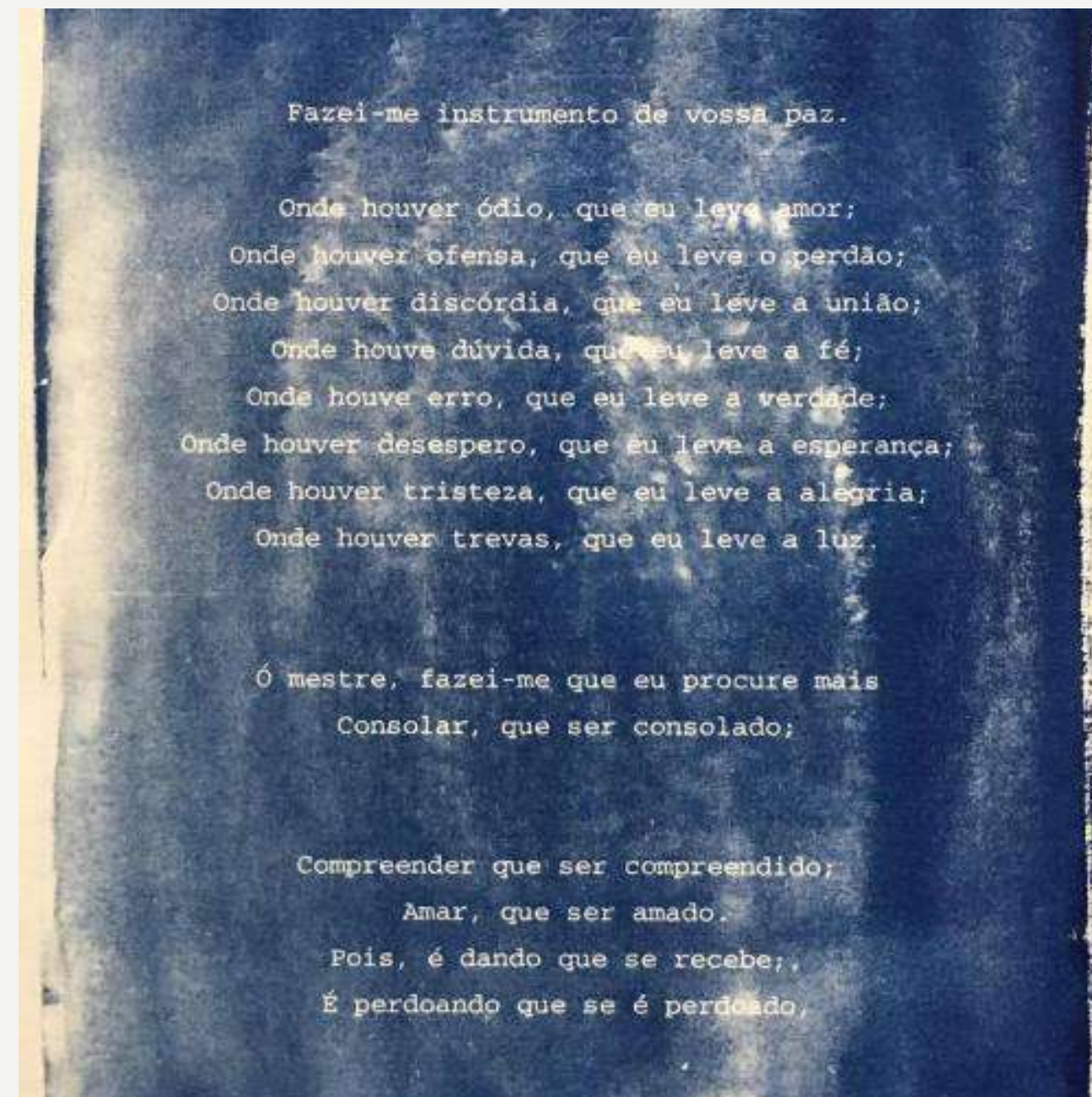
https://issuu.com/vitoriacinevideo/docs/27_fcv_catalogo_baixa/s/11373014

IGNEZ CAPOVILLA

Vitória/ES, 1985. Vive em Vitória/ES e trabalha em Vila Velha/ES.

Ignez Capovilla é fotógrafa, artista, professora, pesquisadora e baixista nas horas vagas. Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Teoria e História da Arte pela UFES, docente na Universidade de Vila Velha desde 2014, atuou como substituta na Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 2021/22. Sua pesquisa de doutorado investiga as questões ligadas à reprodução de obras de arte promovida pelos museus. Se interessa pelos modos produção, visibilidade e recepção dessas imagens, visto que elas ganham valor de exibição e perdem valor de culto. Explora a linguagem fotográfica e os processos alternativos de produção de imagem trazendo as questões do tempo, da sobreposição, da visão, de imagens já existentes, que provoquem essa metalinguagem da visão, do ato de ver e da fixação do instante.

Sua busca de tentar entender a fotografia a levou a desenvolver um olhar crítico sobre, e foi ela que a levou ao Cianótipo, ao Marrom Van Dyke e outros processos alternativos. Os trabalhos são feitos a partir de duas técnicas principais: o Cianótipo (azul) e o Marrom Van Dyke (marrom). Visto isso, ao trabalhar com técnicas alternativas, a artista se coloca vulnerável a esse outro tempo de produção de imagem, e isso a estimula a pensar novos meios de produzir, novas formas de ver, pensar e fazer imagens. Num acúmulo constante de pontos de vista sobre si mesma, nessa sobreposição infinita de camadas possíveis.



Fazei me instrumento de vossa paz, Cianótipo, série Fotosensível, 2016

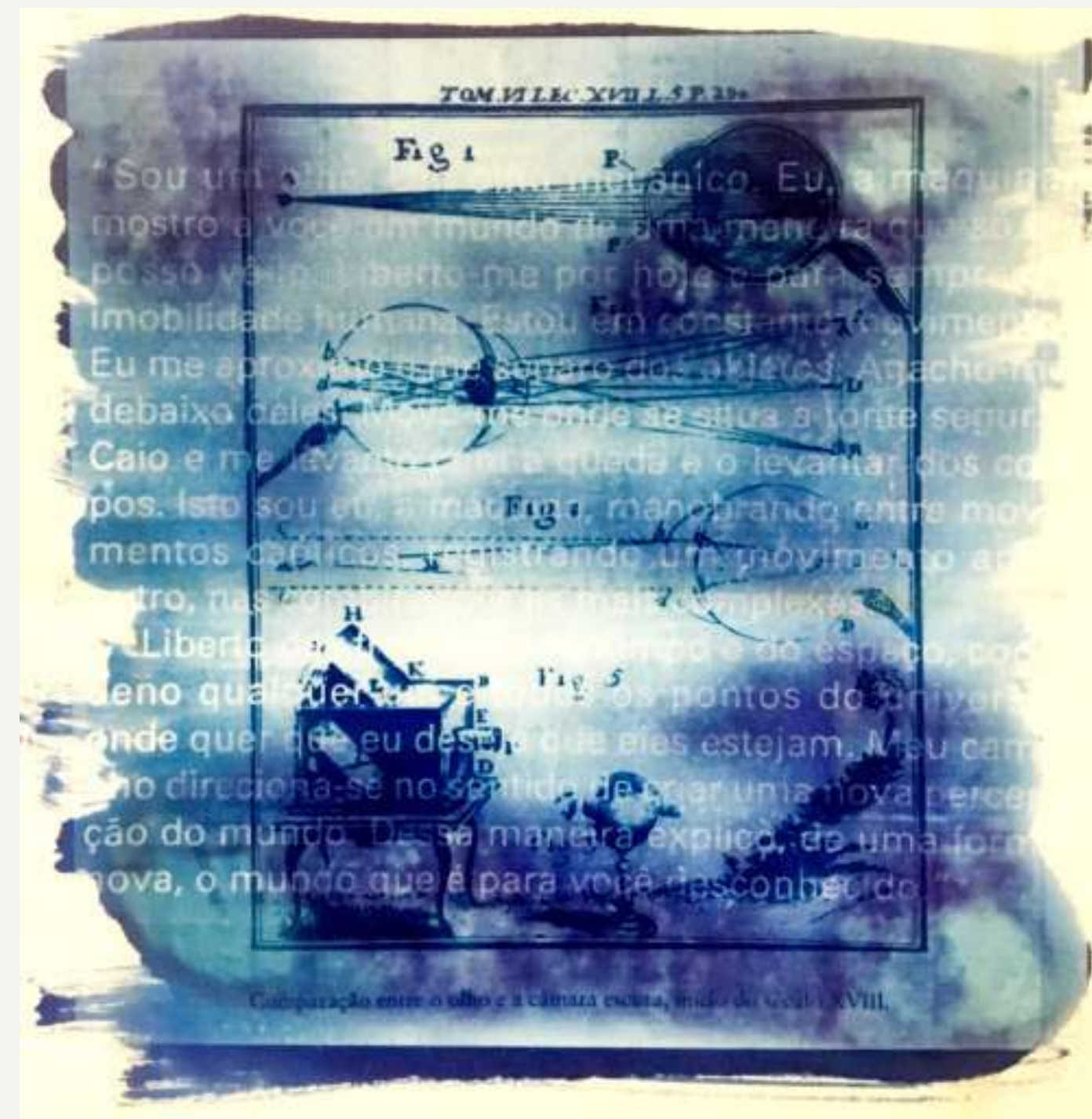
Link: <https://ignezcapovilla.com/fotosenssivel>

FOTOGRAFIA, ALTERNATIVO, VULNERÁVEL, INVESTIGAÇÃO, IMAGENS, VALOR, CULTO, CAMADAS, TEMPO, PRODUÇÃO, SOBREPOSIÇÃO, DESENVOLVIMENTO, QUESTIONAMENTO, MUSEU, PROCESSO, METALINGUAGEM, FIXAÇÃO, INSTANTE, NITIDEZ, SENSÍVEL, EFÊMERO.

IGNEZ CAPOVILLA

Ao observar as duas imagens conjuntamente e, nutridas pelas provocações relatadas em palavras estéticas que a artista nos apresenta, que conexões podemos fazer? Que/quais caminhos podemos percorrer? Elas nos oportunizam visualizar o processo de produção do trabalho da artista?

A artista tem em sua pesquisa sobre a fotografia uma diretriz de trabalho que, neste caso, dialoga com a proposição de utilizar a fotografia a partir da mídia da atualidade que é o celular, acessando diretamente as/os estudantes. Proponha então, que tentem captar imagens que tenham um contexto real para elas/es, e, com essas imagens, oriente que experienciem a sobreposição através de dispositivos do celular, até que formem a imagem desejada, que, posteriormente, pode ser impressa.



Eu sou um olho, 2019

Link: <https://ignezcapovilla.com/fotossenssivel>

Link: <https://ignezcapovilla.com/sobre>

Referências:

<https://www.plataformadecuradoria.com/post/conversaignezcapovilla>

Veja também a artista Julia Kater, que utiliza do sobreposição de imagens para a formação de sugestões de paisagens.

<https://www.sp-arte.com/editorial/com-recortes-e-sobreposicoes-a-artista-julia-kater-explora-as-multiplicidades-da-imagem-veja-entrevista/#:~:text=A%20partir%20de%20recortes%20e,muitas%20imagens%20distintas%E2%80%9D%2C%20afirma.>

ICLEA CORRÊA

Vitória/ES, 1961. Vive e trabalha em Vitória/ES

Artista visual, ilustradora e professora. Como artista gráfica, desenvolveu os mais diversos trabalhos na publicidade por mais de 20 anos. Em 2010 ilustrou o livro Guido, a folha e o capim de Paulo Sodré. “Lembro-me de sempre estar desenhando, no chão, nas paredes, no papel. Tenho como hobby a fotografia. Atualmente sou professora de arte da rede pública e privada”.

  graduada em Artes Plásticas e Artes Visuais pela UFES. Em meados dos anos de 1980, enquanto cursava Artes Plásticas, começou a participar de exposi es coletivas e individuais nos espaços públicos e privados da capital e interior do Estado. Em Minas, nos Festivais de Inverno de Diamantina e Poços de Caldas, estudou gravura em metal, serigrafia, desenho e ilustra o. Em Brasília, Distrito Federal, no I Festival Latino Americano de Arte, participou do curso de desenho de observa o. Em Vitória teve a oportunidade de frequentar oficinas e os Festivais de Verão promovidos pela UFES.

A capa do livro ‘Um pássaro de fogo’ (2020). retrata um céu alaranjado cruzado por uma pena vermelha com detalhes dourados e prateados que se desprendem da ave que ganha canto de plumas de fogo e voo de estrela. A narrativa expõe a história de dois enamorados indígenas de etnias rivais, em tempos pré-coloniais, que sofrem a consequência da puni o pela rebeldia de manterem o afeto apesar da reprova o de seus povos: sua transforma o em monte (Mestre  lvaro, em Serra) e rochedo (Moxuara, em Cariacica). “A ilustra o só faz sentido se ela estiver mais perguntas do que respostas. Por meio das cores das formas, nas paisagens sonoras, paisagens inventadas com formas e texturas conduz o olhar do leitor baseado nas lembranças afetivas da infância.

DESCONSTRU O, ENCANTAMENTO, REPRESENTA O, INTERPRETA O, IMAGENS, OLHAR, TÉCNICAS, MEMÓRIAS AFETIVAS, VERBAL, NÃO VERBAL, ILUSTRA O, DESENHO, LÁPIS DE COR, GUACHE, COLAGEM, PONTA SECA, FANTASIAS, INFÂNCIA, LENDAS, ROMANTISMO.



Um pássaro de fogo, 2020.

ICLEA CORRÊA

Apresente a obra da artista e provoque um diálogo livre de qualquer informação. Converse sobre regionalidades e abra para o tema lendas, o que é e quais são as que as/os estudantes conhecem. Apresente o livro da lenda “Um pássaro de fogo” e reflita sobre as relações entre a imagem da capa produzida pela artista e o texto. Depois da leitura da imagem, proponha uma conversa ou melhor, uma tempestade de ideias, sobre os movimentos artísticos-culturais e sociais que as/os estudantes conhecem ou que participem.

Para o fazer artístico, proponha que representem o tema central das lendas em papel canson A3, utilizando a técnica apropriada para o público que está trabalhando. Exponha em um mural indicando o nome de cada lenda.

Link:

<https://www.escavador.com/sobre/2908200/iclea-correa-dos-santos>;

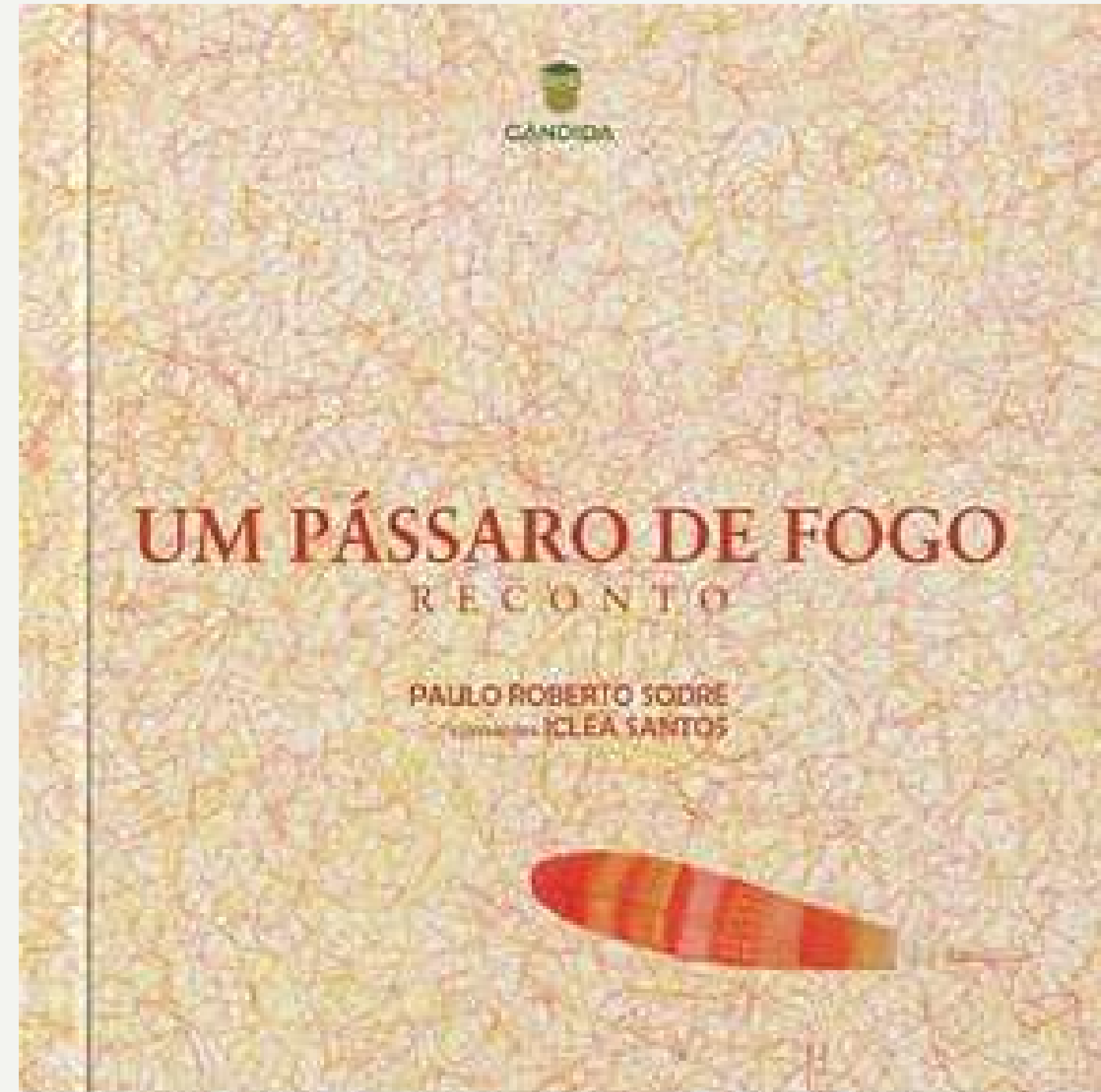
<https://www.instagram.com/correaiclea/>;

<https://loja.editoracandida.com.br/um-passaro-de-fogo>

Referências:

<https://www.escavador.com/sobre/2908200/iclea-correa-dos-santos>;

<https://www.instagram.com/correaiclea/>



Veja também o artista ilustrador Rafael La Cruz, que tem como tema em seus quadrinhos desigualdade raciais.

<https://www.brasildefatomg.com.br/2020/11/12/conheca-la-cruz-ilustrador-negro-de-lutas-e-belezas>

JOÃO WESLEY DE SOUZA

Guaçu/ES, 1957. Vive e trabalha em Ibitirama/ES.

Arquiteto, artista visual e teórico da arte, fez mestrado em Linguagens Visuais, Produção e Pesquisa em Arte, além de doutoramento em Arte. O artista tem uma vastíssima produção, tanto acadêmica quanto artística, nacional e internacional. Como professor da Universidade Federal do Espírito Santo mantém agenda anual de exposições e intercâmbios com universidades estrangeiras e nacionais. Em 2020 Inaugurou o projeto “Finca Tarumã - Arte na paisagem”, onde desenvolve projetos de arte contemporânea inscritos na paisagem do Caparaó, Ibitirama, ES.

Trata-se de objeto composto por nove peças de tamanhos iguais, com cores oriundas da paleta marrom terroso e sobreposição de pequenos círculos de mármore branco em cada uma das nove peças, a disposição dos círculos brancos não apresenta padrão de repetição. Seu formato quadrado sugere azulejos, o material utilizado foi terra e mármore.



Ruta Andaluza, 2019

<http://joaowesley.com/obras/2014.html>

GEOMETRIA, TERRA, REPETIÇÃO, MARROM, QUADRADOS, CÍRCULOS, ABSTRATO, AZULEJO, SIMETRIA, GRADAÇÃO, MARGEM, FRAGMENTO, TODO, DADO, JOGO, MARGENS, DIVISÕES

JOÃO WESLEY DE SOUZA

A terra pode ser manipulada e moldada; de orgânica, fluida e porosa pode se tornar diferente e contrariar sua organicidade. Você já pensou como a terra está sob a calçada? O asfalto? Ou a grama? Será que todas as terras são iguais? Considere o trabalho educativo também um processo de investigação e criação, colha amostras de terra, ou solicite aos seus alunos que colham essas diferentes amostras e inventem histórias sobre elas, relatem seu percurso, quantas pessoas já passaram sobre elas? A terra é silenciosa? Quais histórias ela nos conta? Provoque seus alunos a pensarem sobre o tema e, sendo possível, crie uma instalação com algumas dessas histórias, cubra-as com terra ou utilize a terra como materialidade da escrita.

Link:

<https://www.instagram.com/joaowesleydesouza/>



Doce Rio , 2018

<http://joaowesley.com/obras/2014.html>

Veja também: Michael Heizer

<https://gagosian.com/artists/michael-heizer/>

Referências: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Wesley_de_Souza

JOCIMAR NALESSO

Alfredo Chaves/Ribeirão do Cristo/ES, 1971. Vive e trabalha em Marechal Floriano/ES.

Artista visual, graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo em 2011, atualmente é professor da rede básica de ensino em Marechal Floriano. Participou de várias exposições coletivas, tais como: Jovens artistas capixabas pela fundação Vale, Coletiva Ato Falho na Casa Porto das Artes Plásticas, Memórias do futuro no Palácio Anchieta em Vitória no ano de 2023 e várias outras mostras e exposições. Seu trabalho privilegia cenários familiares e objetos cotidianos.

Trata-se de pintura acrílica sobre tela. No primeiro plano apresenta-se uma figurativização de cadeira entre duas portas abertas expandindo um campo interno de uma aparente casa. Várias outras portas apresentam-se ao fundo como se fossem degraus horizontais. Suas cores transitam entre azuis, brancos, cinzas e pequenos quadrados avermelhados no alto das primeiras portas, estes, emoldurados por branco. Cadeiras e escadas, aparentemente fora de lugar, surgem na paisagem e sombras são projetadas no chão de assoalhos.



Sem título, 2011

<https://www.instagram.com/p/BNhVe9iAdgj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>

MEMÓRIA, MARCO, LEMBRANÇA, CASA, LAR, INTIMISMO, TEMPO,
ESPERA, FAMÍLIA, AFETO, REUNIÃO, PROTEÇÃO, ESPAÇO, COR,
INTERIOR, AZUIS, PERSPECTIVAS, ESPAÇOS EMOLDURADOS,
JANELAS, BEIRAIS,

JOCIMAR NALESSO

O desenho é uma prática comum em salas de aula, o que Jocimar nos provoca é a eleição daquilo que vamos desenhar, ou seja: a busca por ambientes, espacialidades e objetos cotidianos com algum valor emocional ou histórico para aquele/a que desenha. A provocação aqui seria buscar memórias significativas ou objetos que contam sobre nossas histórias. O artista nos convoca a abandonar os grandes temas da arte e fazer das nossas lembranças mais ingenuas temas de desenho e pintura. Você poderia trabalhar associado com narrativas autoficcionais ou histórias de vidas. Subverter os princípios da perspectiva e da luz e sombra também são convites possíveis para os desenhos dos estudantes.

Link:

<https://www.instagram.com/direct/t/117884752939088>

<https://www.youtube.com/watch?v=gc7YZp3RptY>



sem título, 2011

<https://www.instagram.com/p/BNhVe9iAdgj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>

Veja também: Michelangelo Merisi da Caravaggio ou somente Caravaggio

<https://www.ebiografia.com/caravaggio/>

Referências:

https://www.youtube.com/watch?v=Q_vKCwKSiwY

<https://www.escavador.com/sobre/492060107/jocimar-nalesso>

JULIANA PESSOA

Vila Velha/ES, 1984. Vive e trabalha em Ponta da Fruta/ES.

Juliana Pessoa possui graduação em arte e mestrado em Filosofia, ambos pela UFES. Já atuou nos programas educativos do Museu Vale e da Casa Fiat; como tutora do curso de pós-graduação da UFES, "Dimensões da Humanização"; e também como professora de artes no ensino médio e na Escola de Jovens e Adultos-EJA. Recentemente foi professora da disciplina História da Filosofia Contemporânea, no curso (EAD) de Filosofia, da UFES. Juliana é artista plástica e dedica-se ao desenho, tendo realizado diversas exposições coletivas e individuais.

Abordando a fé e as religiões de matriz africana, a exposição “Oba: entre deuses e homens”, foi um grande sucesso no Museu Capixaba do Negro (Mucane), no Centro de Vitória. A ideia para a mostra surgiu durante o mestrado de Juliana, a partir dos estudos sobre o mito de Dionísio, o Deus grego que se manifesta por meio da possessão espiritual de suas iniciadas. A partir de uma série de leituras sobre o assunto, ela chegou a textos relacionados ao candomblé e desenvolveu os trabalhos, em sua maioria, com carvão e giz sobre papel, recriando imagens do trabalho do fotógrafo Pierre Verger, que registrou em boa parte da sua obra a cultura afro-brasileira.



Oba: entre deuses e homens, 2015

http://pessoaypessoa.blogspot.com/2015/07/blog-post_29.html

FÉ, RELIGIÃO, ÁFRICA, CULTURA, AFRO-BRASILEIRA, CANDOMBLÉ,
CARVÃO, GIZ, CULTURA, DESENHO, FILOSOFIA, MITOS, MÚSICA,
CORPO, RETRATOS, DEUSES, REPRESENTATIVIDADE,
REPRESENTAÇÃO, ROSTOS, NEGRITUDE

JULIANA PESSOA

Após a leitura de imagem da obra, apresente para as/os estudantes o Maculelê, dança afro-brasileira. Por meio de vídeos, explore aspectos de como ela funciona, conte a história, explique a cultura, religião, etc. Para a prática, utilize garrafas pet para simbolizar os bastões, papel/folhas e carvão/giz (o que for acessível). Divida a turma em duplas e prenda o giz em seus pés, viradas/os de frente uma/um para a/o outra/o. Coloque uma folha no chão embaixo de cada dupla e toque a música tema do Maculelê. Ao simbolizar a dança com as garrafas pet, formas irão aparecer na folha presa ao chão ao passo que os corpos se movimentam. No final, forme uma roda para que todos possam ver o resultado da ação.

Em dialogo, apresente a imagem da obra Vó Cabocla (2023). Considere o público a ser atendido por essa prática educativa, quais são as figuras ancestrais que eles te apresentam? Procure fazer uma busca com os mais antigos da escola ou da região e colete informações que poderiam te ajudar a elaborar um plano de trabalho que dialogue com a prática do desenho e as histórias das ancestrais pesquisadas. Procure estabelecer uma relação entre o material de suporte para o desenho com a figura a ser retratada, assim como Juliana fez. Os retratos poderiam ser feitos a partir de fotografias, memórias ou projeções visuais, aproveite para interseccionalizar outras dimensões a esse desenho, tais como gênero, raça e classe.

Link:

<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/mucane-recebe-exposicao-de-desenhos-em-carvao-e-papel-sobre-religioes-africanas-18591>



Vó Cabocla, 2023

Veja também: o artista William Kentridge e também Ayrson Heraclito que acredita na arte como uma forma de cura. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/sub-home2/ayrson-heraclito-um-artista-exorcista/>

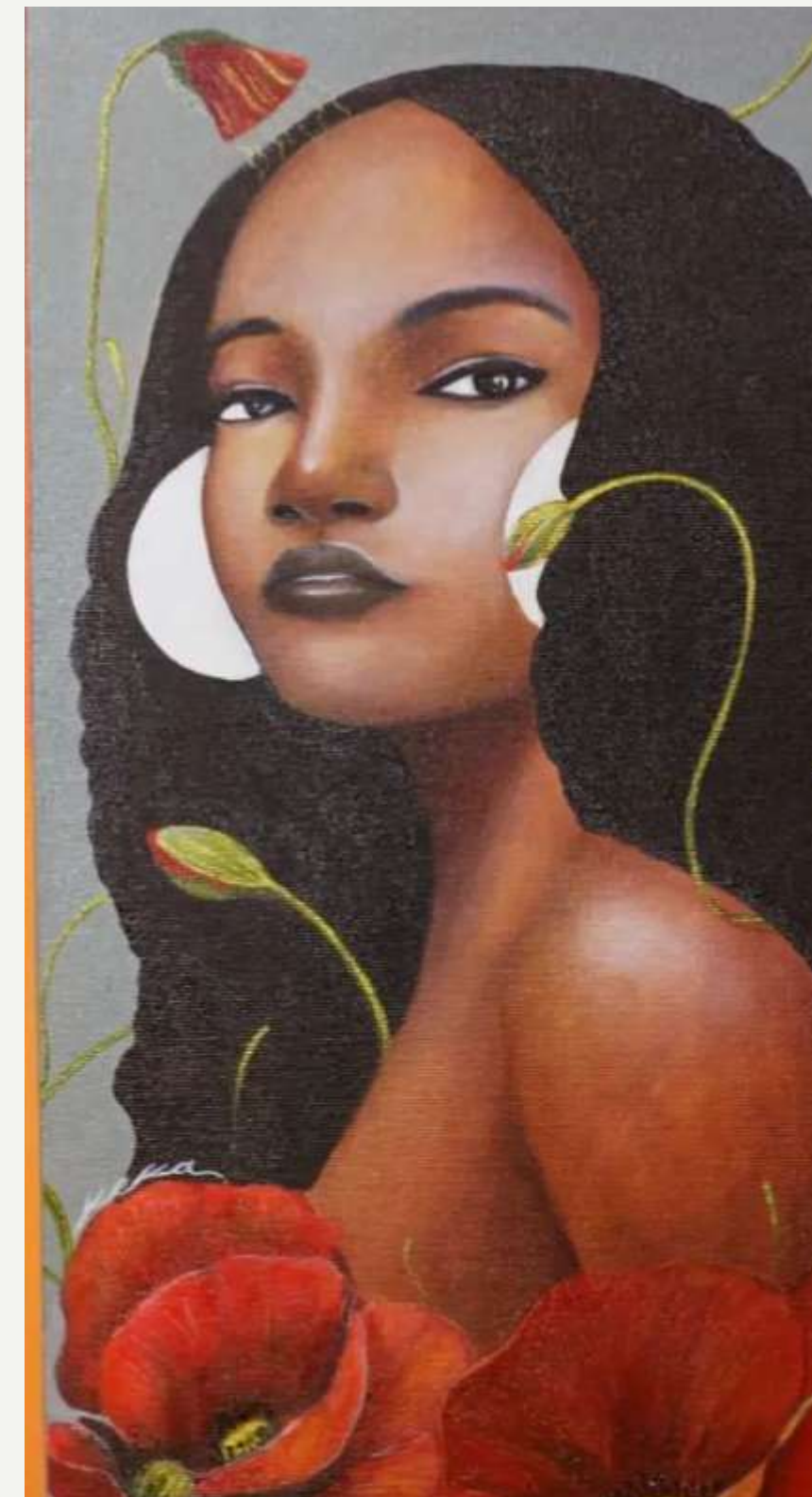
Referências: <https://www.oagalera.com.br/juliana-pessoa>

KEKA FLORÊNCIO

Serra/ES, 1991, Vive e trabalha em Serra e Vitória/ES.

Jessyka Florêncio é formada em Artes Plásticas, residente na cidade de Serra, Espírito Santo. Iniciou sua caminhada no graffiti em 2009, através de uma oficina na capital Vitória. Desde então, vem se dedicando às artes no modo geral. Foi se aprofundando na técnica do realismo juntamente com suas personagens femininas que refletem suas experiências emocionais e físicas.

“Persona” são criações que a artista desenvolve a partir de reflexões a respeito da vida, da força e resistência enquanto ser humano, fazendo alusão aos ciclos da natureza. Procura transmitir para o mundo a leveza, paz e pensamentos positivos. Como se fosse um espelho, na criação das personas tenta passar adiante o que acha bom, conseqüentemente, quando encara as personas, recebe de volta a mesma energia que depositou.



Persona, em desenvolvimento

GRAFFITI, ARTE URBANA, ARTE CONTEMPORÂNEA, RUA, FEMININO, MASCULINO, BONECAS, ESTÉTICA DA RUA, ARTE DE RUA, MULHERES, VIDA, FORÇA, RESISTÊNCIA, LUTA, ENERGIA, PERSONA, FIGURATIVO, REALISMO, EXPERIÊNCIA, NATUREZA

KEKA FLORÊNCIO

Peça que as/os estudantes compartilhem suas impressões sobre as obras, tentando fazer com que reflitam sobre os mesmos tópicos da artista (vida, força e resistência). Para a atividade prática, use papel prata laminado (ou alguma coisa que cause reflexo) para representar um espelho.

Disponha canetas hidrográficas e proponha que façam um autorretrato enquanto observam seus reflexos. Em seguida, para completar o autorretrato, oriente que elas/es acrescentem elementos (símbolos ou palavras) que possam transmitir o que desejam passar para outras pessoas.



Persona, em desenvolvimento

<https://mapas.cultura.gov.br/agente/32076/>

Link:

<https://www.instagram.com/kekaflorencio/>

Veja também: Lu Bicalho que se aproxima da poética da artista e também da temática “feminino”.

Referências: <https://artesemfronteiras.com/artista-keka-florencio/>

KIKA CARVALHO

Vitória, 1992. Vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ.

Kika Carvalho é Licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Espírito Santo. Trabalha com pinturas, colagens, grafites, performances e instalações, abordando temáticas como, racismo, violência de gênero, espiritualidade e decolonialidade. Em sua produção destaca-se uma pesquisa sobre a cor azul, iniciada na graduação, quando aprendeu que o pigmento era o mais caro dentre as cores, sendo comparado até mesmo com o ouro. Constatou que o valor tem forte ligação com o continente africano e suas riquezas naturais.

“Ilha dos boys” mostra um menino sentado na areia com o mar de fundo, com as pernas dobradas e a mão esquerda na testa fazendo um movimento de sombra para se proteger do sol e enxergar melhor. Toda composição está em tons de azul, trabalhados no jogo de luz e sombra. O sujeito parece apresentar familiaridade com o espaço - a praia -, evidenciando a afirmação e pertencimento de um corpo historicamente restrito em territórios devido a uma extorsão ontológica e violência sistêmica da branquitude.



Ilha dos boys, 2021

<https://www.pipaprize.com/kika-carvalho/03-ilha-dos-boys-kika-carvalho/>

PINTURA, DESENHO, CORPO, COR, AZUL, MATERIALIDADE, ANCESTRALIDADE, REPRESENTAÇÃO, PAISAGEM, NEGRITUDE, PERTENCIMENTO, TERRITORIALIDADE, COTIDIANO, SOCIOCULTURAL, POLÍTICA, DIVERSIDADE, INCLUSÃO, REPRESENTATIVIDADE, DECOLONIAL, RACISMO

KIKA CARVALHO

A produção de Kika Carvalho nos permite pensar sobre a representação do cotidiano, mas refletindo sobre diferentes corpos ocupando espaços corriqueiros. A partir da leitura da obra “Ilha dos boys”, pense coletivamente como retratar a rotina dos alunos explorando outros pigmentos, de forma que a representação conte a história de vida de cada um e fale do lugar que ocupam socialmente. Outro aspecto para pensar para além da mudança dos pigmentos: o nome da obra cria uma metáfora com o bairro de Vitória (Ilha do Boi), portanto seria possível brincar também com a turma pensando: que nome as produções criadas podem ter para que contem mais sobre a história que querem abordar?

Link:

<https://projetoafro.com/artista/kika-carvalho/>
<https://www.instagram.com/kikacarvalhokika/>
<https://www.instagram.com/p.v.d.i.a.s/>

Referências:

<https://www.premiopipa.com/kika-carvalho/>
<https://www.piscina-art.com/blog/2020/10/2/perfil-kika-carvalho>



Doze Novembros #1”, 2022

<https://www.premiopipa.com/kika-carvalho/>

Veja também outro artista que explora cenas do cotidiano e outros pigmentos na linguagem da pintura é PV Dias. Procure relacionar a produção do artista paraense com as obras de Kika Carvalho e provoque os estudantes a pensarem em outros modos de utilizar as tintas em suas produções.

KLEBER GALVÊAS

Divisa (hoje Dores do Rio Preto)/ES, 1947.
Vive e trabalha em Vila Velha/ES.

Aos dezoito anos, Kleber partiu para Portugal, onde estudou com o falecido mestre Peniche Galveias, fez cursos de gravura na Sociedade Nacional dos gravadores Portugueses, pesquisou arte abstrata, conviveu com vários nomes de expressão hoje em Portugal e, ao voltar, dedicou-se à amizade do falecido mestre Homero Massena. Economista e professor, tendo todas as oportunidades de continuar dentro de um cargo nessas funções, preferiu dedicar-se aos seus estudos da arte e suas contribuições para a comunidade. Sua dedicação pelo meio ambiente fez dele um pioneiro nas lutas ecológicas no Estado e anualmente expõe quadros feitos com o pó de minério que coleta, durante 50 dias, em uma tela deixada ao ar livre em sua varanda.

O projeto "A Vale, A Vaca e A Pena" é uma fusão da ciência com o viés artístico, com obras expostas no ateliê dele na Barra do Jucu, em Vila Velha. A provocação em tela com apelo ambiental busca conscientizar sobre a poluição presente na Grande Vitória utilizando o próprio agente poluidor como ferramenta de criação dos quadros.

Esse intrigante título "A Vale, A Vaca e A Pena" apresenta três termos com significados diferentes, mas com um mesmo objetivo: criticar a constante presença do pó de minério que, de tão excessivo, substituiu a paleta de cores usada para preencher a tela.



A Vale, A Vaca e A Pena, 1996-dias atuais

Link: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/artista-plastico-faz-obras-com-po-de-minerio-que-chega-ate-a-casa-dele-em-vila-velha-es.ghtml>

NATUREZA, PROTESTO, POLUIÇÃO, PÓ, CRIME AMBIENTAL,
MINÉRIO, DESENHO, TELA, PINTURA, NÃO-CONVENCIONAL,
PROFESSOR, GRAVURA, ABSTRATO, COMUNIDADE, PROJETO,
CIÊNCIA, ATELIÊ, CRÍTICA, CONTRIBUIÇÃO, REVOLTA

KLEBER GALVÊAS

A partir da temática do artista, dos materiais utilizados para a realização da obra e também do nome dela, proponha um trabalho em grupo com a produção final de um painel coletivo de seus integrantes. Crie um espaço de discussão no qual possa dialogar com os/as estudantes sobre as questões ambientais, tal qual o artista faz em sua crítica social. Reflita com as turmas sobre o nome da obra e os contextos que ele abarca por meio de associações e conexões com a técnica e materiais utilizados e a temática utilizada. Acrescente camadas de informações à reflexão apresentando documentários que abordem o tema, ampliando o olhar delas/es sobre essas questões. O trabalho prático consiste em representar, com carvão sobre papel paraná, o olhar coletivo do grupo revelado em uma cena que responda criticamente às questões dialogadas.

Link: <https://www.galveas.com/>

Referências:

<https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/artista-plastico-faz-obras-com-po-de-minerio-que-chega-ate-a-casa-dele-em-vila-velha-es.gh.html> <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/kleber-galveas-lanca-mais-um-quadro-pintado-com-po-de-minerio>



A Vale, A Vaca e A Pena, 1996-dias atuais

https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/552906/2/FROIS%2C%20I._DELLA%20FONTE%20S.%20O_Entorno_da_Vale_IsraelFrois.pdf

Veja também o artista de rua Paulo Ito que utiliza da arte do grafite como forma de protesto para problemas da sociedade. <https://www.pauloito.com.br/>

LU BICALHO

Vitória/ES. Vive e trabalha em Vitória/ES.

Luciana Bicalho é artista visual, muralista e ilustradora natural de Vitória, Espírito Santo

É graduada em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e cursou Design Gráfico na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e na Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina. Na produção autoral, Lu Bicalho fala sobre o afeto. O que toca, o que perpassa, o que preenche, o que circunda, o que afeta é plasmado através das formas orgânicas e suaves, dos tons de azul e toques de calor visual nos magentas e amarelos. O que nos leva a navegar em um mar que abriga a calma, a alma, a contemplação do sentir à flor da pele.

Em “eu sou oceano” a artista busca representar seres místicos e femininos, demonstrando leveza, ao mesmo tempo que se refere a imagens de desenhos infantis. Bicalho demonstra em suas artes a figura da sereia em um universo lúdico de fantasia com a temática do oceano, para isso são utilizados tons frios para a ambientalização



eu sou oceano, 2021

<https://www.lubicalho.lu/>

MURAL, ILUSTRAÇÃO, AFETO, ATRAVESSAMENTO, SENTIMENTO, FEMININO, FANTASIA, CRIATIVIDADE, IMAGINAÇÃO, POÉTICO, ENVOLVIMENTO, EMOÇÃO, ESPAÇO, LÚDICO, CALMA, MURALISMO, CONTEMPLAÇÃO, ARTE URBANA, ESTÉTICA DA RUA, FEMININO

LU BICALHO

Comece refletindo o título “eu sou oceano”. Sugestão: usar a frase “Você deságua em mim, e eu, oceano” (Djavan) com perguntas mediadoras “O que significa ser oceano?”, “Qual sentimento a personagem transmite?”.

Aproveite as reflexões para novas perguntas, fazendo conexões com a arte mural e com a estética da rua. Em seguida, apague a luz e coloque som ambiente que remeta oceano/mar. Distribua pedaços de tecidos na cor azul e peça que um por vez coloque no chão, formando ondas, criando o oceano da turma. Oriente que se deitem, prestando atenção no sentimento presente e anotem em um papel. Se confortáveis, seria interessante compartilhar o que foi anotado, se não, guardar como experiência.



eu sou oceano, 2021

<https://www.lubicalho.lu/>

Link:

<https://www.instagram.com/lubicalho.art/>
<https://www.lubicalho.lu/>

Veja também a artista Keka Florêncio que também trabalha com a figura feminina em murais

Referências: <https://www.lubicalho.lu/>

LEO BENJAMIM

Marechal Floriano/ES. Vive e trabalha em Vitória/ES.

Resultante de uma experiência direta com a percepção, as obras de Leo se constroem como comentário sintético sobre organicidade, leveza, simplicidade e existência. Trata-se de valores eminentes ao ato de criar da mão humana que, por meio da arte, transcende os limites da individualidade. Ele comenta que “desenhar é como respirar. Pessoas misturadas com a arquitetura, a música, o contemporâneo, o carnaval e outros todos. Acredito na importância do registro das coisas simples, comuns do dia a dia.”

O artista emoldurou 54 minidesenhos, de 3,5 x 9 centímetros. Como ele mesmo descreve, cada um deles é capaz de gerar uma identificação com o espectador pela situação, pelo lugar ou pelo objeto que representa. Usando de 5 a 20 minutos para criar suas obras, ele considera-se “um arquiteto sem texto dado”. Suas obras são “um dom, um experimento, um desenho puro e despreocupado, resultado unicamente da pura ação de desenhar”.



Sem título, 2018

PERCEPÇÃO, EXISTÊNCIA, CRIAÇÃO, COTIDIANO, REGISTRO, IDENTIFICAÇÃO, AÇÃO, IDEIAS, CLAREZA, VIVÊNCIAS, MEMÓRIA, ARTE CONTEMPORÂNEA, EXPERIÊNCIA, VALORES, INDIVIDUALIDADES, SUBJETIVIDADE, DESENHO, EXPERIMENTAÇÃO, ORGANICIDADE, LEVEZA

LEO BENJAMIM

Ofereça para cada estudante três suportes de 3,5 x 8 centímetros e divida a atividade em 3 partes de tempo. A proposta é que elas/es façam desenhos sem uma intenção final, apenas que sintam o que estão fazendo, deixando-se guiar pela intuição e sentindo o momento.

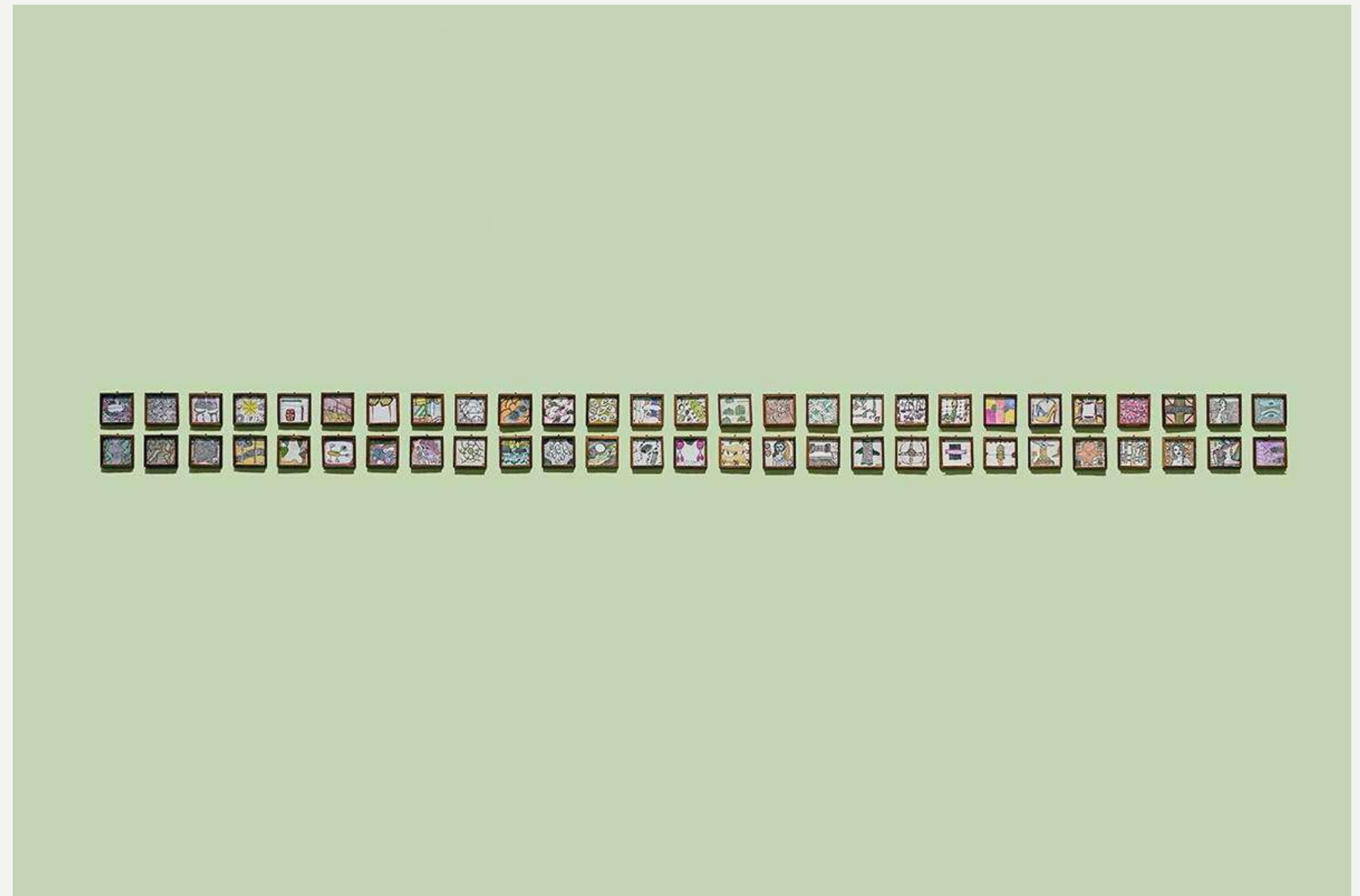
A primeira parte/tempo terá 5 minutos para que realizem seus desenhos. Depois, no segundo tempo, 12 minutos e por último 20 minutos. Para finalizar, proponha uma roda de conversa para que compartilhem suas artes e suas experiências, como se sentiram em cada tempo e como foi deixar que a intuição os guiasse.

Link:

<https://www.obrasdarte.com/tag/leo-benjamim/>

Referências:

<https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/publieditorial/12/2018/casas-e-a-principal-tematica-de-artistas-do-interior-presentes-na-exposicao-2020> <https://museuvale.com/publicacoes/326>



Sem título, 2018

Veja também o artista Alex Cervený, que alude a um mundo fantástico com paisagens surrealistas. Disponível em: <http://www.alexcerveny.com/>

LUCIANO FEIJÃO

Vitória/ES, 1976. Vive e trabalha em
Vitória/ES.

Luciano Feijão é professor, artista visual e ilustrador. Sua produção aprofunda-se no campo do desenho, sobretudo pensando em diferentes representações do corpo, sugerindo uma torção da anatomia e propondo uma antianatomia. Também desenvolve pesquisa com desenho utilizando diferentes materiais, não usuais para a linguagem, tais como pente, escova de dente e lâminas, tensionando os limites do que define o desenho

A obra compõe a série Antianatomia, onde Feijão desenha corpos negros e propõe outra lógica de representação, diferente da dominante. Em suas pesquisas, o artista reflete como a anatomia, a ciência e a medicina foram áreas de estudo desenvolvidas durante o período escravocrata e que por isso representam os corpos negros como “o outro”, de forma estereotipada ou alienada. Sua série torce essa representação e busca uma antianatomia dos corpos.



Sem título (Série Antianatomia), 2011

<https://www.oagaleria.com.br/luciano-feijao>

DESENHO, ILUSTRAÇÃO, CORPO, NEGRO, ANTIANATOMIA, TORÇÃO, ANATOMIA,
CIÊNCIA, MEDICINA, CONSTRUÇÃO, REPRESENTAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO,
MATERIAIS, NÃO CONVENCIONAIS, GRAFITE, LINGUAGEM, BIDIMENSIONALIDADE

LUCIANO FEIJÃO

Na medida em que na história da ciência os corpos negros foram sempre representados como “o outro”, Luciano Feijão propõe essa torção da anatomia, criando novos modos de os desenhar. A série Antianatomia pode ser relacionada com outras produções, de desenhos de ilustração científica, para analisar como pensar, por meio do desenho, novos meios para pensar o corpo. Outro aspecto possível para a atividade: assim como o artista, que experimenta criar com outros materiais para além do grafite, você também pode propor que seus alunos desenhem com múltiplos “riscadores”, como pentes ou escovas de dente. Utilize nanquim como tinta e os provoque a olhar para o desenho de outro modo.

Link:

<https://museuvale.com/paginas/7/54>

<http://modosdeolhar.blogspot.com/2020/08/itamara-ribeiro-arte-com-bordado.html>



Sem título (Série Antianatomia), 2011

<https://www.oagaleria.com.br/luciano-feijao>

Veja também: Relacione a produção de Luciano Feijão com os desenhos de Itamara Ribeiro, que também desenvolve sua poética na linguagem do desenho, pensando em representações de outros modos de perceber os corpos.

Referências: <https://www.oagaleria.com.br/luciano-feijao>

MARCELO GANDINI

Vitória/ES, 1974. Vive e trabalha em Vitória/ES

Artista Visual, Policial Militar da Reserva e Professor de Arte. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFES, Campus Centro-Serrano.

Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes campos: Arte contemporânea, Artes Visuais, Foto instalação, Instalação e Audiovisual.

Intitulada “PROJÉTEIS”, a obra trata-se de uma arte-instalação que faz referência aos números de homicídios ocorridos na capital do Espírito Santo no ano de 2007. Esses dados alarmantes sobre a violência urbana nos fazem refletir e levam conseqüentemente a um questionamento bastante direto: Quem será a próxima vítima?

A intenção do projeto artístico foi trazer à tona a percepção do sujeito, “ente” transformado em dado estatístico, enquanto o artigo evidencia especificamente o número de homicídios, problematiza a capacidade de percepção do espectador e aponta um entendimento acerca da “sensação de invisibilidade” causada por meio de um canal perceptivo pouco usual.



Projéteis, 2008

FOTOGRAFIA, INSTALAÇÃO, AUDIOVISUAL, DESENHO, SENSIBILIDADE, FORMA, COTIDIANO, OBJETOS, IMAGEM, TÉCNICA, COR, SEQUÊNCIA, FOTO INSTALAÇÃO, VIOLÊNCIA URBANA, VÍTIMAS, ESTATÍSTICA, HOMICÍDIOS, INVISIBILIDADE, PERCEPÇÃO.

MARCELO GANDINI

A abordagem do artista nos provoca a refletir sobre as condições atuais de violência nas escolas. Para dialogar com essa proposta, apresente o trabalho da artista colombiana Beatriz Gonzalez, que, com sua originalidade, reflete na complexidade da vida contemporânea, o seu compromisso em abordar questões sociais e políticas. Esse é o ponto de encontro entre os artistas que, através da arte, mostram as questões que assolam a sociedade. A proposição artística pode ser realizada em grupos, cujas possibilidades podem ser, inicialmente, rever imagens da mídia que relatam os últimos acontecimentos sobre a violência urbana. A partir dessas imagens e das reflexões feitas, oriente que produzam pequenos filmes por meio dos recursos audiovisuais disponíveis em celulares discutindo a violência local dos bairros onde moram.

Link:

<http://atofalho.wesleyecervillaartbureau.com/gandini/>
<https://galeriahomeromassena.wordpress.com/2020/05/12/reverso/>



Projéteis, 2008

Veja também a artista Panmela Castro, que busca conscientizar sobre a violência doméstica com sua arte de diferentes técnicas :
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39788408>

Referências: <http://marcelogandini.blogspot.com/>

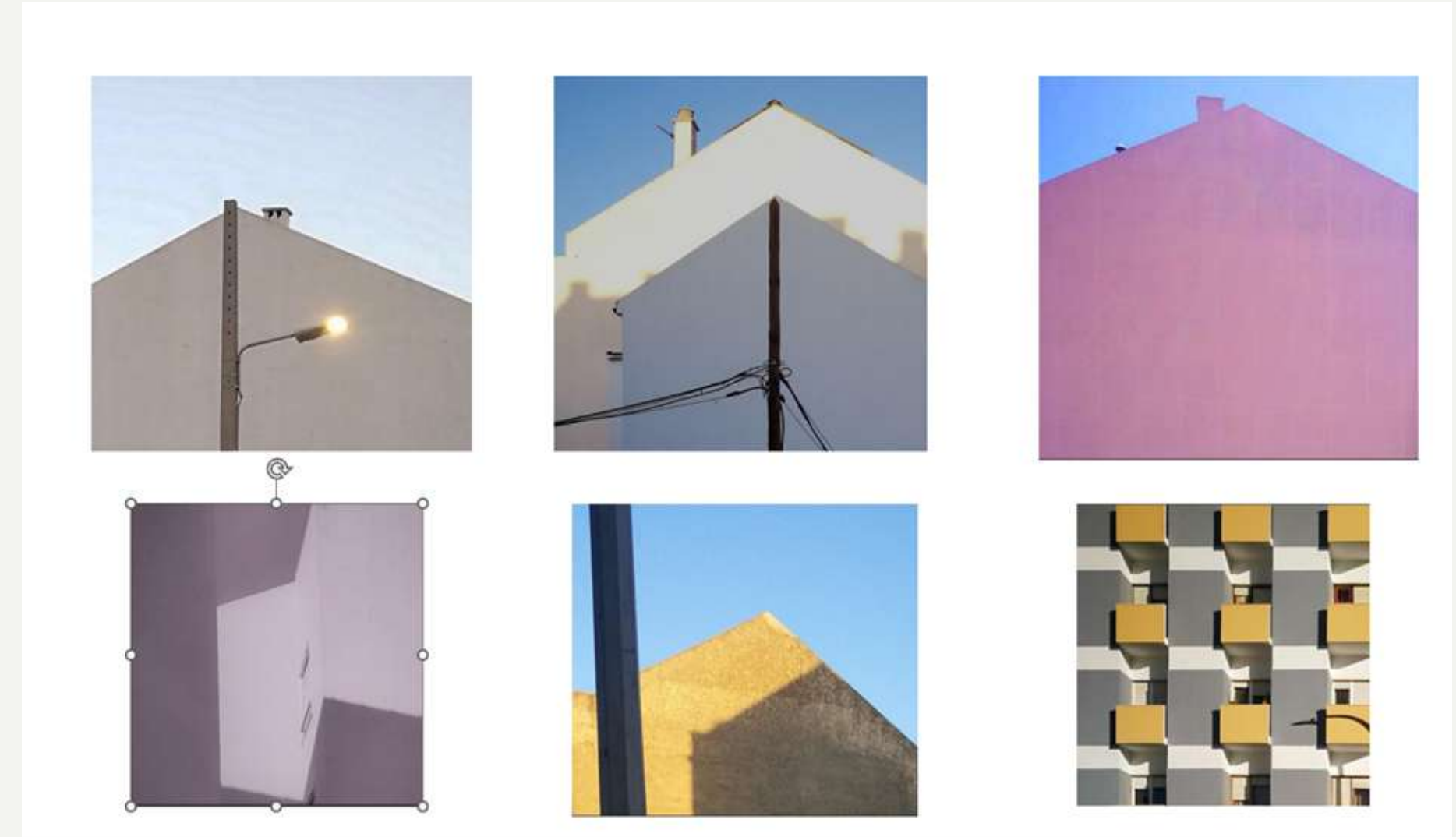
ORLANDO DA ROSA FARIA

“LANDO”

Vitória/ES, 1957. Vive e trabalha entre Vitória/ES e Lisboa/Portugal

Graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especialista em conservação de bens culturais móveis (UFRJ), especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil e mestre em História Social da Cultura, PUC-Rio, e Doutor pela Faculdade de Belas Artes (Lisboa-Portugal). Desde os anos 1980 participa de salões de artes plásticas, festivais de arte, cinema e vídeo e exposições coletivas e individuais, no Brasil e no exterior, sendo em 2017 indicado ao Prêmio PIPA. É professor do Centro de Artes – UFES.

A série Lavradio (2021-2023) é uma fotografia digital de fragmento de edificação que se assemelha a um edifício residencial. É composto por um quadriculado de três por três linhas em vertical e horizontal. O volume sugerido na imagem surge pela angulação da fotografia e pelas sombras projetadas na face esquerda da imagem. Os tons cinza claro e marrom claro contrastam com o branco que divide as linhas horizontais. Nos espaços entre o quadriculado criado pelas cores e formas, há também uma outra construção de forma geométrica que se dá a ver como janelas.



Série: Lavradio, 2021-2023

[LINK](#)

CONSTRUÇÕES, CASAS, GEOMETRIA, REPETIÇÃO, MARROM, QUADRADOS, ABSTRATO, PRÉDIOS, SIMETRIA, ARQUITETURA, TABULEIRO, SOMBRA, CINZA, FRAGMENTO, FOTOGRAFIA, RECORTE, LISTRAS, COLUNAS, XADREZ, PAISAGEM.

ORLANDO DA ROSA FARIA “LANDO”

A arquitetura poderia ser um tema nas aulas de arte? Como a arquitetura caminha com a história da arte e da arte contemporânea? Considere o trabalho educativo também um processo de investigação e criação, provoque seu grupo a deslocar o olhar da arquitetura somente pelo viés da praticidade e do uso dessemantizado. Detalhes ou grandes planos das construções do entorno da escola ou até dos ambientes escolares poderiam ser investigados, fotografados ou desenhados de modo que fujam da sua aparência e apreensão usual. Outras narrativas poderiam ser criadas ou até mesmo produzidas em tridimensionalidades com a fotografia impressa e pequenas caixas de papel (como a caixa de fósforo ou embalagens vazias de remédio), outra possibilidade seria trabalhar os sentidos da sua própria casa.



Série: Lavradio, 2021-2023

[LINK](#)

Link:

<https://www.artsy.net/artwork/lando-faria-lavradio-series-polyptych>

Veja também: Jan Vormann

<https://www.janvormann.com/>

Referências: <https://www.escavador.com/sobre/490671151/orlando-da-rosa-faria>

RAQUEL FALK

Serra/ES, Vive e trabalha em Serra/ES.

Possui graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2008). Atualmente é professora de núcleo comum da Prefeitura Municipal de Vitória e professora de Arte no Colégio Adventista de Vitória. Foi instrutora de artes do Instituto João XXIII até 2010 e tutora do curso de artes visuais/ Polo UAB da Universidade Federal do Espírito Santo até 2012. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em animação em *Stop Motion* e na produção de materiais educativos para séries iniciais.

As pinturas *Aprendiz* e *Beijo Azul* retratam o colibri, um dos símbolos capixabas, interagindo com bailarinas. Para Falk, além da representação capixaba, há um diálogo entre os elementos desenhados por ambos representarem leveza. As características também são apontadas pela artista como uma analogia à aquarela, pois os três combinam elementos de fluidez, leveza e delicadeza com força, técnica e muito trabalho..



Aprendiz e Beijo azul, 2022

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/10/06/artista-capixaba-vai-expor-quadros-no-carrousel-du-louvre-galeria-do-museu-mais-visitado-do-mundo-em-paris.ghtml>

FLUIDEZ, AQUARELA, PINCÉIS, MOVIMENTO, LEVEZA, TÉCNICA, ORGÂNICO, BAILARINA, STOPMOTION, MATERIAIS EDUCATIVOS, PROFESSORA, DESENHO, DELICADEZA, EXPLOSÃO, FORÇA, ÁGUA, TINTA, DANÇA, FIGURA HUMANA, BEIJA-FLOR.

RAQUEL FALK

A partir do díptico, a artista nos provoca a pensar nas regionalidades e nos diálogos que podem elaborar com personagens análogos e suas aproximações. A leveza, liberdade, poética dos elementos representados são fundamentais para fazermos uma associação com as demais manifestações da história da arte capixaba e de artistas que trabalham com temas nos quais podemos identificar as palavras de ordem da artista.

Nutridos também pela instalação de Rick Rodrigues “Bastidores” proponha desenvolver a técnica da pintura em aquarela em pedaços de tecidos representando ícones do Estado do Espírito Santo e que se relacionam com a história de cada estudante para, a partir daí, construir uma instalação onde as pinturas possam ser vistas de forma que contemplem as propostas da artista: fluidez, leveza, regionalidade, movimento.



Link:

<https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/artista-plastica-da-serra-vai-expor-obras-no-museu-do-louvre-na-franca-1221#:~:text=A%20Raquel%20Falk%2C%20neta%20d>

Veja também a artista Stephanie Boechat que retrata pessoas de maneira fluída e expressiva em aquarela. https://www.instagram.com/stephanie_boechat/

Referências: https://www.instagram.com/raquelfalk_art/
<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/10/06/artista-capixaba-vai-expor-quadros-no-carrousel-du-louvre-galeria-do-museu-mais-visitado-do-mundo-em-paris.ghtml>

RE HENRI

Vitória/ES. Vive e trabalha em Vitória/ES

Artista plástica e agente cultural, cria objetos tridimensionais de ressignificação de outros objetos. Sua pesquisa transpassa questões acerca do encaixe natural das peças, de modo a promover um equilíbrio orgânico de suas composições plásticas. Devido a sua contínua formação em psicanálise, trouxe temáticas que discutem questões psíquicas nos processos criativos, trabalha essencialmente na criação de esculturas, pinturas, fotografias e instalações. Se declara artista autodidata, ainda que tenha cursado Artes Plásticas na Universidade Federal do Espírito Santo. É formada em fotografia (2010) e graduada em psicologia (2020). Atualmente é mestranda do programa de Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF/ Niterói, 2022) com ênfase na interface entre psicanálise e arte.

Esses objetos discorrem sobre a criatividade e a sua relação com o tempo/espço. A criatividade é aquilo que nos leva ao objeto e podemos designá-la como o chamado natural da criação que acomete o artista. A artista é uma *bricoleur*, o objeto é a obediência a esse chamado, nada mais é do que um agrupamento da natureza. Natureza é a criação, tudo que abriga esse ínterim pode ser motriz de criatividade.



Nave submarina, 2014

<https://www.rehenri.com/estudos-sobre-a-criatividade>
Estudos sobre a criatividade no tempo/espço, 2014/2015

RESSIGNIFICADO, TRIDIMENSIONAL, COMPOSIÇÃO, PROCESSOS, CRIATIVIDADE, TEMPO, ESPAÇO, OBJETO, AGRUPAMENTO, ORIGEM, BRICOULER, IMAGEM, ESCULTURA, INSTALAÇÃO, FOTOGRAFIA, INVESTIGAÇÃO, TRANSMUTAÇÃO, SENTIDOS, ARRANJO, CONCEPÇÃO

RE HENRI

Converse com a turma sobre as obras. Use perguntas para mediar o assunto, como “o título da obra parece ser o que ela é?”. Deixe-os à vontade para fazerem outras provocações. Se possível, peça que compartilhem seus entendimentos por tempo e espaço.

Disponibilize objetos variados, deixe a sala livre para que escolham um lugar para criar suas esculturas e os oriente a usar a criatividade. Mostre que a criatividade é intencional, assim como a criação.

Ao finalizar, é interessante que eles criem as identificações “Título, data, suporte, técnica” completando o trabalho. Exponha a produção delas/es e peça que falem sobre o que criaram.

Link:

<https://www.instagram.com/re.henri/>

Referências:

<https://www.rehenri.com/>



Barco, 2014

<https://www.rehenri.com/estudos-sobre-a-criatividade>

Veja também: a artista bebe nas referências conceituais e plásticas dos trabalhos de Farnese de Andrade, Rosangela Rennó, Adriana Varejão, Waltercio Caldas, Louise Bourgeois, Anish Kapoor e Olafur Eliasson.

ROSANA PASTE

Venda Nova do Imigrante/ES, 1967, Vive e trabalha em Vitória/ES.

É artista, pesquisadora e professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Possui doutorado pelo programa de pós-graduação em Educação do Centro de Educação da UFES, Vitória/ES, com o título "Artista-professor: cartografia e processo" (2017). Tem mestrado pelo programa de pós-graduação em Educação da UFES com o título "Processo de criação em Arte: estudo de caso do artista plástico Nelson Leirner" (2010) e graduação em Artes Plásticas pelo Centro de Artes da UFES (1992). Sua pesquisa tem como foco o processo de criação do artista-professor, suas contaminações, atravessamentos e agenciamentos, e as relações rizomáticas produzidas no plano de imanência dessas profissões.

Na série Geografia Genética, a artista capixaba Rosana Paste, buscando compreender e vivenciar certos mecanismos da memória humana, tatuou em sua perna o traçado da mancha que se vê na perna de sua mãe. A pesquisa "Geografia Genética" investiga os diversos liames registrados no próprio corpo e na pele da artista em contato com a mãe e com o filho, evidenciando relações atentas à passagem do tempo.



Geografia Genética "O que pode um Corpo"

ESCULTURA, ARTISTA/PROFESSOR, CONTAMINAÇÕES, RIZOMAS, CARTOGRAFIAS, GEOGRAFIA, PROCESSOS, CRIAÇÃO, CORPOS, MEMÓRIA HUMANA, PELE, TEMPO, FOTOGRAFIA, PERFORMATIVIDADES, DESLOCAMENTO, ABANDONO, IMAGENS, ESPACIALIDADE, HIBRIDISMO, INSTALAÇÃO.

ROSANA PASTE

Inicialmente, proponha o estudo da técnica que a artista desenvolve, que é a escultura. Para acessar a obra “Geometria genética” provoque uma reflexão com a turma a partir da leitura da imagem. Contextualize com a realidade de cada estudante. Na sequência, proponha a produção de uma placa em *papier machê* ou outro material como argila, plastilina, do tamanho de uma folha A4 de mais ou menos dois centímetros de altura. Divida a placa na horizontal e nela, aperte a mão aberta, de um lado a mão do/a estudante e do outro, uma referência afetiva do/da estudante, seja a mãe, o pai, a avó/ô, irmão/ã, tia, enfim, alguém importante para o/a estudante. Após a secagem provoque novo diálogo a partir da experiência vivenciada e do material produzido.

Link:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26916/rosana-paste>

<https://matiasbrotas.com.br/artistas/rosana-paste/>

Referências:

https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/8521/1/tese_10956_ROSANA%20PASTE.pdf

<https://www.otempo.com.br/o-tempo-betim/artista-transforma-ferro-em-protagonista-de-obras-1.2657401>



Geografia Genética “O que pode um Corpo”

Veja também: Veja também a artista Ingrid Mwangi Hutter, que manifesta sua experiência pessoal usando cores, formas geográficas e linguagem em seu próprio corpo. <https://www.icaboston.org/art/ingrid-mwangi-hutter/static-drift/>

TATIANA ROSA

Vitória. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Tatiana Rosa é Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo e Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós-graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro. Estuda como as práticas educacionais de matriz africana estão atreladas à perspectiva de transmissão de conhecimento e como são interdependentes da interação com o meio e com o outro. Analisa estratégias de promoção da arte/educação para as relações étnico-raciais a partir do ensino de referenciais identitários, históricos e culturais

As cortinas de fitas e miçangas estão relacionadas aos fios de conta - prática de contar histórias e vivências - realizadas na comunidade religiosa Inzo Alafin de Iemanjá e no Raiz Forte Espaço de Criação, perpetuando a memória ancestral e práticas religiosas da comunidade de matriz afro-brasileira. A estética simbólica dos fios de contas revela que estes objetos simbolizam os conceitos de coletividade para a proposição de uma contranarrativa diante da hegemonia sociocultural estabelecida como ideal.



Abre caminhos, 2023

https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/91_Tatiana%20Gomes%20Rosa.pdf

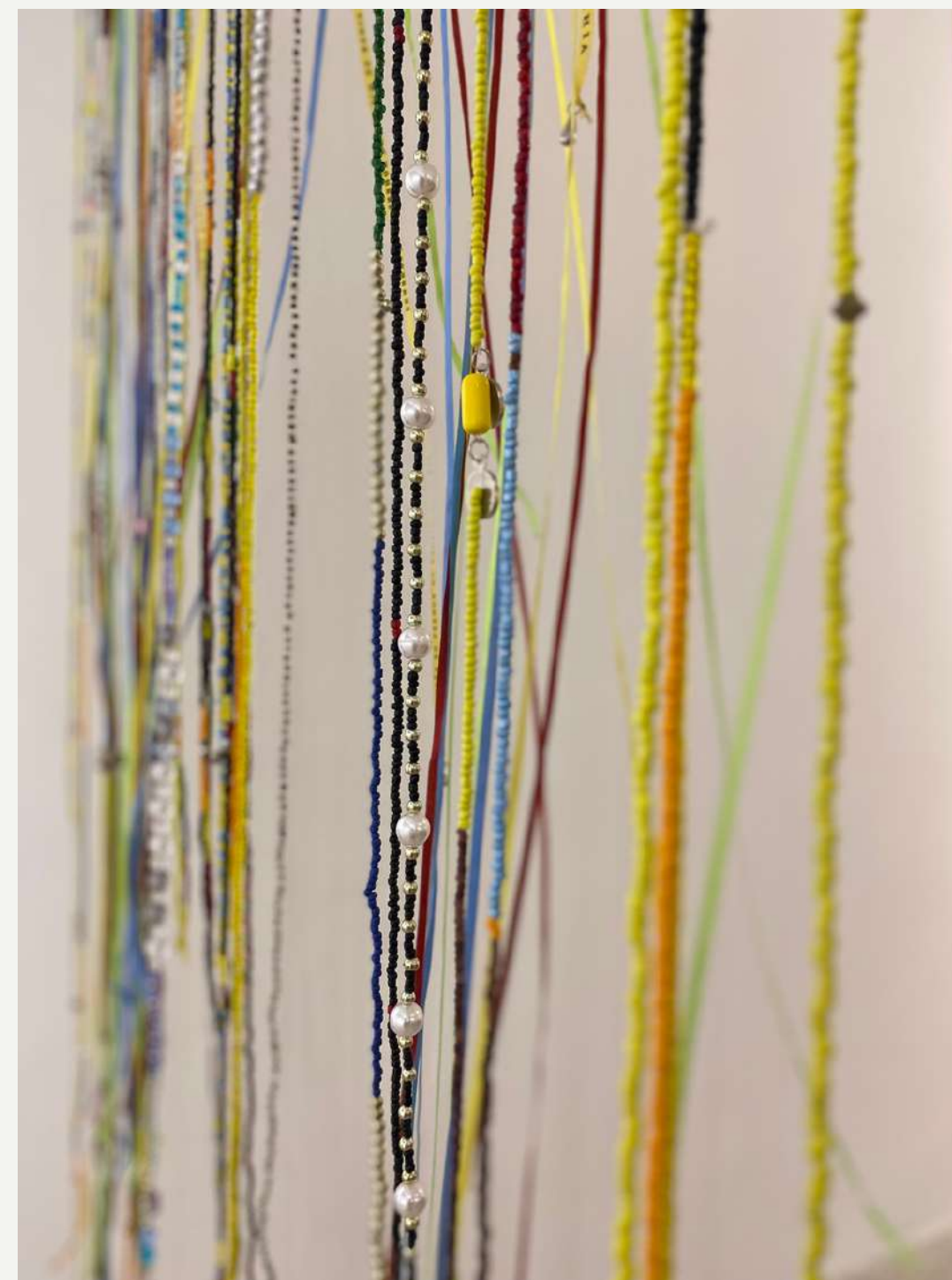
ÉTNICO-RACIAL, IGUALDADE, INSTALAÇÃO, ARTE, EDUCAÇÃO, EDUCADORA, COLETIVIDADE, CONTRA-HEGEMÓNICA, SIMBOLOGIA, ANCESTRALIDADE, NARRATIVAS, REFLEXÃO, RELIGIOSIDADE, ORALIDADE, CIRCULARIDADE, ENGAJAMENTO, ATIVISMO, CONTAS, MIÇANGAS, FIOS

TATIANA ROSA

Dentro dos espaços expositivos, a instalação de Tatiana Rosa é montada efetivamente como um convite à entrada, abrindo os caminhos. A sugestão é para que você recrie dentro do espaço escolar essa instalação, mas pensando-a como ação, adotando o processo de montagem como um momento para que todos da turma possam contar memórias relacionadas ao que gostariam de trazer para dentro da escola como patrimônio. No caso da obra da artista, existe uma relação com as práticas religiosas de matriz afro-brasileira, isso pode aparecer no relato dos estudantes e você pode provocar que isso também seja relacionado com memória e patrimônio. Que outras memórias gostaríamos que entrassem no espaço da escola?

Link:

[@tatsirosa](https://www.instagram.com/tatsirosa)



Abre caminhos, 2023

https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/91_Tatiana%20Gomes%20Rosa.pdf

Veja também a produção de Mestre Didi também utiliza de miçangas e contas para refletir sobre a memória ancestral e práticas religiosas da comunidade de matriz afro-brasileira com esculturas de múltiplas formas.

Referências:

<https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/91Tatiana%20Gomes%20Rosa.pdf>

Professoras/es,

Partilhem suas experiências com o material educativo.

Enviem relatos para o repositorioartes.ufes@gmail.com

Realização / Apoio

